

IDENTIDADES HÍBRIDAS E FORMAS DE OLHARES

Ana Fátima Gonçalves Marinho
Orientador: Renata Flavia da Silva
Mestranda

RESUMO

Através da análise crítica da novela: *O terrorista de Berkeley, Califórnia*, de Artur Carlos Pestana dos Santos, Publicado em 2007, serão desvelados artifícios de retórica utilizados para discutir a arbitrariedade hegemônica americana, pela posição que o narrador ocupa por meio das vozes de algumas personagens, algumas estão numa posição de subalternidade e de outras que parecem possuir uma visão privilegiada da relação estabelecida na narrativa. Em Bakhtin o dialogismo se dá no embate dialogal estabelecido entre as personagens, a partir disso, tentamos estabelecer um ponto de contato entre o que é lançado pelo narrador e as proposições feitas pelos personagens. A questão da identidade em Larry – personagem principal – é vista pelo outro sobre diversos aspectos. Há uma identidade híbrida e camuflada pela visão do outro. Há diversas personagens de nacionalidades diferentes no espaço norte americano. Mexicanos – Jean Martinez; ascendência chinesa – Mao; ascendência iraniana – Soraya; ascendência somali e havaiana – Kate etc. Como diz a personagem Mao “porque se diz que os orientais são sempre orientais mesmo vivendo há gerações no ocidente. E, já que entramos em considerações geográficas, San Francisco é de facto o ocidente do ocidente ou talvez o princípio do oriente, em muitas acepções do conceito.” (PEPETELA, p. 94, 2007).

Identidades híbridas e formas de olhares

Quando dos atentados terroristas ocorrido em Nova York, às torres gêmeas do complexo empresarial World Trade Center em setembro de 2001, o mundo ficou assombrado com a ousadia daqueles homens que num gesto, julgado insano, promoveram um ataque a nação de maior poderio militar do ocidente, ataque esse que viria mudar o olhar do mundo em relação ao Oriente Médio. Aprofundou-se o fosso entre “nós e eles” e, o mais grave que tudo isso, instalou-se a figura da perpétua desconfiança sobre os cidadãos desta região, tomamos como linha de ação a narrativa de Pepetela numa novela, leve, irônica e tomada por metáforas tais, que nos encaminham a repensar que as ações desencadeadas para “combater o mal” e garantir a segurança dos cidadãos norte-americanos não são “legítimas” quanto os governantes incitam na população local e na crença da bondade deles, e sempre observando que trata-se de uma superpotência no aspecto político, econômico e social.

Seguindo a linha de raciocínio quanto ao conceito de cientificismo adotado por Todorov e ao desenvolvimento da ideia do estado cientificista em *Memória do mal, tentação do bem*, o autor aponta preliminarmente a morte da personagem Larry, ao afirmar que

“Para garantir o bom andamento das coisas dentro do país, o Estado cientificista deverá munir-se de uma ferramenta apropriada: o terror. (TODOROV, 2002, p.41)

A narrativa ficcional, em sua genial observação dos fatos, diz a personagem Soraya, em sua crença na versão oficial dos fatos, contrariando sua companheira que diz: **“terroristas somos todos, depende de que ângulo nos observem.”** (Grifo nosso) – (PEPETELA, 2007, p. 115). Ou o reverso da afirmativa que Todorov oferece e atribui a Primo Levi onde “Um oprimido pode tornar-se um opressor” (TODOROV, 2002, p.196), o belo está na personagem – namorada de Soraya – sem nome, sem rosto, sem referenciais que permitam identificá-la mostra o contrário, ou seja, ela se recusa a fazer o papel do Estado – carrasco executor, combinado com a ideia já trabalhada sobre as ações do estado que se apresenta como protetor de seus cidadãos.

Em Pepetela encontramos diversas personagens que assumem um papel adverso ao status-quo, questionando as instituições, a si mesmo, o outro e promovendo uma reflexão sobre aquilo que deveria ser mudado em aproveitamento de todos.

Breve exposição sobre o autor

Para falar do autor, deter-me-ei em anotações pessoais realizadas no auditório E-2 da Faculdade de Letras da UFRJ no dia 10 de outubro de 2013 quando o autor esteve no Brasil para o lançamento da reedição dos romances *Mayombe* e *A geração da utopia* pela editora Leya.

Na presente data, tive a oportunidade de questionar o escritor sobre a novela *O terrorista de Berkeley, Califórnia*. Primeiro comentei o que a crítica vinha veiculando desde o momento em que ele escreveu a obra. Na oportunidade pude questionar o ato da escrita. Minha pergunta foi referente a sua ida a São Francisco para lecionar em Berkeley. Seria esse o único motivo para elaborar o livro que tinha em mente? Em geral seus livros estão centrados no espaço angolano e europeu, já este contempla o espaço norte-americano. Quais foram as intenções em escrevê-lo, tendo este espaço como cenário? É somente o que a crítica veicula ou vai além dessa ideia? O autor esclarece com mais detalhes a sua ida à Califórnia:

“Essa novela foi escrita por mim em 2003 para ocupar o tédio. Fui um escritor visitante para fazer uma conferência em Berkeley. No final da conferência, eu podia falar com os estudantes que falam espanhol. Eles gostaram do meu desempenho como escritor e a direção conhecendo meu potencial como professor, chamou-me para lecionar na Califórnia. Criaram a disciplina “A sociedade angolana através dos textos” em Teoria da Literatura onde foram discutidos textos do século XIX até os dias atuais, este era o curso. Ministrei-o em Inglês e era necessário decorar minhas falas em inglês. Com muita dificuldade, o curso aconteceu e fui elogiado. Para o ano seguinte, convidaram-me a retornar.

Em 2005, ministrei uma conferência e aproveitei para descansar em Berkeley. Fiquei um mês. Pela manhã, ia para São Francisco e ficava olhando aquelas paisagens de longe, a Universidade, a paisagem em torno dela. Na parte da tarde procurava assistir alguns programas de televisão. Passavam filmes policiais, seriados sobre esse gênero, aquilo era chato, não havia nada para fazer. Inventei a história, durante dois anos escrevi sobre os americanos, sobre aquilo que condeno nos outros. Conheço a Literatura norte-americana. Espionagem hoje é um tema que está muito presente na mídia. Também conheci um americano que é muito dado a matemática, conversamos sobre esses assuntos numa prova de vinhos. Fiz a ele três ou quatro perguntas para poder ter base científica para escrever a novela. Ele revelou como funcionava o serviço secreto norte-

americano. O amigo de Berkeley foi a Angola no ano seguinte e num jantar se deu conta de que não deveria ter dito o que disse a mim. A novela chegou a um editor, eu estava sem escrever há dois anos. Do terrorista de Berkeley, eu emendei no livro *O quase fim do mundo*.

Desvelando a narrativa

Comparando as outras narrativas do autor, essa é a terceira narrativa de característica policial. *Jaime Bunda, o agente secreto* e *Jaime Bunda e a morte do americano*, escrito em 2001 e 2003 são considerados os primeiros romances policiais angolanos. Marcados pela queda das utopias libertárias e o crescente neoliberalismo econômico mundial, estes dois romances fazem uma reinterpretação do gênero policial. Os romances veiculam uma forte crítica corrosiva ao atual estado político e social de Angola, ao mesmo tempo que funcionam como libertadores de tensões através do humor.¹

O terrorista já não faz parte da série “Jaime”, mas também expõe suas críticas conforme as duas primeiras. As questões sociais, políticas e econômicas, principalmente da superpotência norte-americana são desveladas. Um exemplo é a observação apontada pelo narrador ao denunciar os questionamentos de Larry ao mostrar a contribuição que uma universidade tão consagrada como Berkeley ofereceu, isso narrado historicamente, para a construção da bomba atômica:

Pois não, pensou Larry, a química [...] não a atômica para a qual Berkeley contribuiu e até hoje tem vergonha de confessar [...] (PEPETELA, 2007, p. 54)

Mais um olhar do narrador denunciante sobre as questões norte-americanas é notabilizado quando o mesmo compara as investigações da rede terrorista tratada na narrativa junto à lembrança dos atentados terroristas ocorrido em Nova York, às torres gêmeas do complexo empresarial World Trade Center em setembro de 2001:

O chefe da sede também levou a sério as ameaças. Era evidente, se tratava de uma rede terrorista muito bem preparada e disposta a tudo para acertar um golpe rude na moral americana, já bem amolgada por acontecimentos anteriores e demasiado publicitados. Mandou a célula de San Francisco continuar com as observações [...] (PEPETELA, 2007, p. 63/64)

A falta de democracia num espaço micro como a Cal denuncia a arbitrariedade com que se constitui o discurso do olhar hegemônico representado por Steve Watson – personagem principal, chefe do grupo especial de combate ao terrorismo para a região

¹ Este parágrafo está em diálogo com a Dissertação de Mestrado de Estefânia Isabel Lemos Alves sendo uma citação da mesma.

de San Francisco – no momento de sua visita à faculdade, a pressão voltada especialmente ao reitor que “teve que colaborar” com as instruções do chefe de polícia:

Eu sei que vai ter de permitir, oh sim, vai ter de permitir.... Esta é uma universidade, depende financeiramente do governo do Estado. Se não quiser colaborar, o governo da Califórnia obriga-o a fazê-lo. Mas é melhor colaborar espontaneamente e em silêncio, ninguém vai saber nada desta conversa. E também sei que não vai contar a ninguém, pois se por acaso o segredo vazar, sabemos quem lançou o mujimbo, só pode ser o senhor[...] O reitor, que pensava ainda ter alguns anos de carreira pela frente, devendo guardar certa prudência [...] (PEPETELA, 2007, p. 69)

Vejamos mais uma observação em relação à passagem acima é que o interesse pessoal sobrepõe ao interesse coletivo, tanto do detetive quanto do reitor, colaboram para mais uma tragédia que refletiria dentro do espaço berkelyano: o extermínio de um estudante acusado de terrorismo e que ao final prova-se as falhas dentro não do sistema investigativo, mas do humano: E sobre os gritos da polícia, o olhar do narrador desvela as mazelas humanas:

–Vai-se fazer explodir – gritou um polícia [...] Quando finalmente penetraram no compartimento, Larry jazia sobre o computador, como a tentar protegê-lo, doze balas nas costas. (PEPETELA, 2007, p. 114)

A morte da Larry podemos dizer que é uma falha incorrigível dentro do espaço democrático micro – a Cal e sua residência – e no espaço democrático macro – Os Estados Unidos da América.

Formas de olhares

A globalização, através da compressão de distâncias e escalas temporais contribui para a discussão da centralidade das identidades locais. Ao observar esse aspecto de negociação, surgem identidades culturais em transformação, elas são o resultado do encontro entre diferentes tradições culturais do mundo globalizado: essas são as novas identidades ou identidades híbridas. (Hall, 2005)

A questão da identidade em Larry é vista pelo outro sobre diversos aspectos. Há uma identidade híbrida e camuflada pela visão do outro, assim como nos discursos do outro e do próprio narrador. Os valores são questionados por meio da interação, mesmo que ela seja vista pela diferença.

Uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua subjetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam. G. Berger (1964, p.173) já nos lembrava de que “o caráter humano do tempo da ação intersubjetivo”. E. Bakhtin (1986, 1993, p.54), mais perto de nós,

afirma que a arquitetura completa do mundo atual dos atos realizados têm três momentos básicos: o eu-para-mim-mesmo; o outro-para-mim; eu-para-o-outro [...]. É desse modo que se constroem e refazem os valores, por meio de um processo incessantemente de interação. (SANTOS, 2001, p. 313/314)

Nessa passagem de Milton Santos vemos a preocupação com o outro. Num mundo que já não é mais local, e sim global, olhar o outro pode denotar aversão e repulsa por um lado; por outro, há o olhar crítico, observador, “neutro” que revela uma reflexão maior acerca do outro.

Sobre o aspecto de o eu-para-mim-mesmo, podemos fazer referência ao olhar de Steve Watson. Este é alguém que em seus traumas procura colocar-se na posição de defesa de seus próprios interesses. E por que esse olhar? Porque primeiro é um olhar hegemônico. Ele necessita ser respeitado como chefe de uma organização estatal investigativa. Seu cargo e sua pessoa devem ser mantidos sobre os alicerces da integridade “moral”, assim ele procura manter-se. Mas o olhar do narrador desconstrói essa moralidade revelando seus traumas e falhas

Steve não clamava vingança apenas por razões políticas. Vira a sua entrada rejeitada naquela mesma instituição por falta de notas, tinham a mania que eram exigentes os gajos [...] pois agora vão ver quem manda e quem afinal são os melhores mesmo. (PEPETELA, 2007, p. 67)

Sobre o aspecto do outro-para-mim, vemos o olhar de Steve é um olhar que não se interessou em partir de uma análise de que o outro é ou não é um terrorista, mas se o é como todo terrorista no espaço norte-americano deve ser exterminado. Num diálogo que troca com Helen essa demonstra a dúvida diante de outra fase das investigações e o pedido para mais análise dos e-mails para que se tenha certeza de que não há engano quanto à identidade dos terroristas:

E Helen desviou a atenção geral ao declarar:

– Raios me partam, mas lá está a mesma sensação. Parece a mesma pessoa a escrever as mensagens. O mesmo que se passava com as mensagens de Brad [...] fazer uma análise de conteúdo.

– Não vou perder mais tempo com isso – disse Steve [...] Agarrem esses terroristas antes que eles nos mandem para o ciberespaço com uma bomba atômica. (PEPETELA, 2007, p.113)

Outro exemplo está em Steve imaginar as feições do terrorista. Ele não possui a certeza. Ele imagina as raças que o grupo possa pertencer. Ele apresenta dúvida sobre identificar Larry como judeu. Podemos dizer que a dificuldade surge porque ele não o conhece ou deveras o quer conhecer:

Quem não esquecia o terrorismo era Steve Watson, cada vez mais horrorizado perante a ideia de um atentado que fizesse a Califórnia

partir-se ao meio pela falha de Santo André, por acção desses mestiços de árabe, iranianos e mais raças inferiores, como os descendentes de escravos. Os outros nomes ganhavam caras, só Larry lhe escapava. Que feições teria Larry? Poderia ser judeu? Era o que lhe faltava para ficar completo o baralho. Não havia referências nenhuma a Larry desse ponto de vista [...] (PEPETELA, 2007, p. 103)

A inveja de Steve ao receber de Mao a informação sobre a genialidade de Larry o irrita mais e o seu ódio cresce:

– Um fenómeno na matemática, olhe só as notas dele, chefe. Sim pode ser ele o génio de que lhe falava, só um génio conseguiria fechar tão bem as coisas. Para romper a chave inventada por um génio são precisos dez génios a trabalhar em rede. Ou mil não génios como eu. [...] O chefe não gostou do ar admirativo do subordinado, mais uma vez a confundir as coisas.

– É um filho da puta de um terrorista. Qual génio qual merda! Só se for um génio do mal, porra. (PEPETELA, 2007, p.109)

O eu-para-o-outro no contexto analisado até o momento, mostra o olhar que o narrador exerce sobre Steve. Um olhar denunciante que não deixa escapar as mazelas do homem interessado na sua promoção, no seu bem pessoal:

E o chefão oferecia todo o material e pessoal necessários para o reforço. Steve agradeceu a confiança, afinal não lhe tiraram o assunto apetitoso das mãos, ainda por cima lhe ofereciam meios suplementares para esclarecer o mambo e subir na hierarquia. (PEPETELA, 2007, p.64)

O mítico sonho norte-americano e a pós-colonialidade

É possível observar a partir do conteúdo em análise que as vozes presentes na narrativa estabelecem diversos juízos de valores, uma vez que fazem parte de um conjunto de comportamentos profissionais, culturais, ideológicos que vão montando a narrativa e que existe a voz do narrador que deixa pistas sobre diversas questões discutidas na narrativa, como: a miscigenação muito presente nos Estados Unidos, as diversas culturas que chegam e apesar do preconceito, assumem um espaço relevante, pois muitas dessas culturas não são somente negras, elas vêm da Ásia, do México, do Irã, Havaí mostrando um caudal de comportamentos que se misturam com suas vozes e assim os diálogos vão apresentando uma construção narratológica dos problemas que os Estados Unidos carregam ao dizer que o terrorismo é o externo, não pode ser o filho da pátria quem comete esse tipo de crime, mas os de outras nacionalidades, os excluídos que são capazes de “tocar o terror” numa superpotência.

Considerando o olhar pós-colonial podemos nos apoiar em referências apontadas por Walter Mignolo, que sobre essa temática nos afirma que:

Existe uma pós-colonialidade através da diferença colonial. Se há diferença colonial, ela está presente nos romances pós-coloniais porque estes vão mostrar aspectos de dependência existente nos países que foram colonizados pelas grandes potências, apesar da independência. Nomear como um romance pós-colonial é associar-se ao sistema mundial colonial/moderno utilizado como estrutura desse livro [...] outro desenvolvimento da pós-colonialidade, usado com pouca frequência, mas mesmo assim muito importante, refere-se a novas formas “de colonialidade”. (MIGNOLO, 2003 p. 134)

Diante disso, podemos dizer que a expressão “pós-colonialidade” não significa, objetivamente, que a colonialidade terminou, mas que se reorganiza em seus alicerces. Nosso estudo, em particular, se debruça em uma novela de um escritor angolano que faz uma crítica ao sistema hegemônico norte-americano. E como diz o autor, os estadunidenses pouco conhecem Angola e muito menos escrevem sobre. Pepetela mostra seu conhecimento sobre a cultura do outro, por exemplo: cinema e a literatura. Mesmo em espaços dominantes, algumas personagens não são americanas; como por exemplo, Juan Martinez que chegou do México como imigrante clandestino e consegue permanecer porque entrega um grupo que traficava pessoas cujo chefe era primo dele:

[...] Juan Martinez tinha chegado aos Estados Unidos como imigrante clandestino. Atravessou a fronteira do México, fugido do fatídico El Dourado dos espanhóis para atingir o mítico sonho americano. Acabou descoberto pelos serviços de imigração por culpa de uma puta sem tento na língua e ia ser inapelavelmente reexpedido para o outro lado da fronteira, como era o mais frequente, quando conseguiu interessar os agentes federais com uma história semirreal semi-improvisada de tráfico de pessoas[...] e ele nem vacilou para entregar a rede completa que o ajudava a dar o salto para os Estados Unidos e o sustentara durante duas semanas a troco de lealdade e um décimo dos seus rendimentos durante um ano, uma ninharia. O chefe da rede era um seu primo em primeiro grau, daí a benevolência no trato [...] (PEPETELA, 2007, p. 7/8)

Observamos que a personagem que entrou de forma clandestina para viver nos Estados Unidos precisou denunciar um grupo de traficantes de pessoas com a presença de um primo de primeiro grau, grupo esse que o ajudou a chegar nas terras norte-americanas. Então, a necessidade de sair do México, ter cidadania norte-americana seria a solução e sonho realizado de Martinez. Essa atitude se confirma na questão das novas formas de colonialidade. Porque há a denúncia de entregar um compatriota para poder receber o direito de permanecer e realizar o sonho americano: poder ser livre, adquirir a cidadania norte-americana, um emprego estável etc.

Assim, a seguir Martinez trabalha como informante da polícia até obter a cidadania norte-americana e trabalhar para as redes de imigrantes clandestinas:

Mais tarde, obtida a cidadania americana, foi contratado para combater as sempre reemergentes redes de imigrantes clandestinos... (PEPETELA, 2007, p.9)

Podemos dizer que o narrador inicia sua história criticando as relações de poder e dependência ao inserir esta personagem no início da narrativa. O mexicano é o traidor, entrega seus próprios compatriotas para realizar seu sonho: viver nos Estados Unidos. O rapaz torna-se agente federal efetivo, podemos considerá-lo como exemplo de assimilado, que se auto afirma, que retoma o domínio de si mesmo, “mas continua a subscrever a mitificação colonizadora”. (MEMMI, 2007, p. 178)

E novamente a fala do narrador reafirma a “mistificação colonizadora”, a recusa a seu país, e o amor pelo outro, o colonizador representado pelos EUA.

Como agente federal efetivo, e abandonando para sempre as penosas e mal remuneradas mudanças de armários e cadeirões velhos. Recentemente fora transferido para um organismo novo de combate ao terrorismo, porquê precisavam de alguém falando espanhol e de comprovada lealdade na tradição dos conterrâneos do Terceiro Mundo. (PEPETELA, 2007 p.9)

O olhar da namorada de Soraya

A mim, cabe uma análise do fim apresentando uma personagem que não é nomeada, mas de importância capital para a nossa análise e para desconstrução do discurso hegemônico:

A única pessoa que acreditou na versão oficial foi Soraya. Acabou por confessar à colega de quarto, sabes, o Larry era muito estranho, não me admira nada que derivasse para ideias terroristas, era um revoltado, muito rancoroso. O que não convenceu nada a amiga e amante, terroristas somos todos, depende de que ângulo nos observem. (PEPETELA, 2007, p.115)

Nessa passagem há a voz da personagem Soraya – ex-namorada de Larry – e a da amiga e amante que não conheceu o rapaz, e muito menos ousou julgar e classificá-lo como terrorista. Vemos aqui a identidade do outro, do morto do incompreendido ou não se “montar” por duas vias: a do sentimento de incompreensão – olhar de Soraya; e a do sentimento da observação e análise, desprovido de qualquer sentimento condenatório – olhar da namorada de Soraya.

A construção desse discurso moralizante e impactante só faz confirmar todas as denúncias do narrador. Essa mulher é o oposto da outra. A segunda, para nossa análise, possui um olhar muito limitado e restrito sobre o outro, em particular, sobre Larry. A

primeira percebe as entrelinhas do discurso. Poucos saberiam encerrar uma narrativa com tanta maestria.

[...] terroristas somos todos, depende de que ângulo nos observem.
(PEPETELA, 2007, p.115)

Esse olhar que é dela e do narrador nos faz recordar parte da entrevista de Pepetela quando diz: “durante dois anos escrevi sobre os americanos, sobre o que condeno nos outros”. A fala dessa mulher é de correção ao discurso de Soraya “depende” de quem nos olha, sobre qual olhar, qual o interesse desse julgamento. Isso beneficia a quem? Prejudica alguém? Assim, o autor também reflete quando revela o interesse para a escrita da novela: falar das falhas norte-americanas. Falar desse “terrorista” que é um ianque.

CONCLUSÃO

E da confiabilidade do “combate ao mal” – representado pelo chefe do grupo especial de combate ao terrorismo para a região de San Francisco – Steve Watson – lança o terror: assassinar Larry – um estudante que resolve criticar a vida, o mundo. Chega-se a “tentação do bem” criticar o espaço fictício – a superpotência norte-americana, lembrando eventos como: a bomba atômica, terrorismo e a falta de democracia – principalmente numa Universidade Pública como Berkeley. Tudo isso confirma a crítica da namorada de Soraya – uma personagem que o narrador não revela o nome, o estado social, qual o curso universitário ela realiza, mostrando esse olhar híbrido e global sobre Larry. O que podemos ser confirmado com a crítica do autor em sua entrevista: “falo daquilo que condeno nos outros”.

Bibliografia

ALVES, Estefânia Isabel Lemos. *Jaime Bunda, agente secreto E Jaime Bundae a morte do americano: a crítica político-social através da desconstrução paródica da narrativa fílmica bondiana*. 2009. 137f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Românicos) Universidade de Lisboa, Lisboa. apresentado ao programa em Estudos Românicos da Universidade de Lisboa. Lisboa: 2009.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Primeira Edição Atualizada. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2009.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizador precedido pelo retrato do colonizado*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

MINGNOLO, Walter. *Histórias locais/ Projetos Globais: colonialidade, saberes, subalternidades e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2003.

PEPETELA. *O terrorista de Berkeley, Califórnia*. Editora: Dom Quixote, 2007.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*. Trad. Joana Angélica D'Avila Medo. São Paulo. Editora: Arx, 2002.